

Escolhas categorizacionais em crianças de três a sete anos: o que revelam suas justificativas?

Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo*



Resumo: Este trabalho explicita um equívoco implícito em pesquisas sobre categorizações feitas por crianças pré-escolares e nos primeiros anos de instrução relativo à suposta ênfase que as primeiras dão a agrupamentos *slot-fillers*, em contraste com a notada preferência que as mais velhas dão a agrupamentos formais do tipo vertical (ex.: *animal-cachorro*). A evidência aponta para o fato de que mesmo pré-escolares justificam suas escolhas categorizacionais por destacarem atributos de similaridade compartilhados entre os itens. Concluímos, portanto, que os dois momentos (i.e. categorização por contexto vs. categorização por similaridade) de desenvolvimento do sistema semântico não devem ser rigidamente delimitados.

Palavras-chave: Agrupamentos *slot-fillers*. Escolhas categorizacionais. Categorização por contexto. Categorização por similaridade.

Abstract: This paper highlights a misconception implied by categorization research carried out with pre-schoolers and children in their first years of schooling as regards the alleged emphasis for slot-filler groupings by younger children as opposed to the noted preference, by the older group, for formal vertical groupings of the type *animal-dog*. The evidence points to the fact that even pre-schoolers justify their categorization choices by highlighting similarity attributes shared by the items. We conclude therefore, that the two stages (i.e., contextual categorization vs. similarity categorization) of semantic development are not to be rigidly delimited.

Key words: Slot-filler groupings. Categorizational choices. Contextual categorizations. Similarity categorizations.

1 Introdução

Como organiza a criança seu conhecimento de mundo na forma de categorias semânticas? Mais importante ainda, como justifica suas escolhas categorizacionais, posicionando-se ativamente quanto à construção de seu conhecimento?

* UFC – Universidade Federal do Ceará.

No presente trabalho, recorte de uma pesquisa maior intitulada "Construção e informatização de um instrumento para verificação de comportamentos de categorização em crianças" (IVCC), recentemente concluída, nos deteremos nas justificativas providas pelos próprios sujeitos (crianças de 03 a 07 anos), para suas categorizações. Ao fazermos isso estamos empregando uma prática metodológica, até aqui, pouco valorizada. Na realidade tem sido costumeiro, em procedimentos anteriores não se buscar as razões dos próprios sujeitos para suas escolhas ao agruparem itens pertencentes a dadas categorias. Nestes estudos, os pesquisadores, por não colherem as justificativas da criança, agem segundo uma lógica pré-estabelecida para as categorizações realizadas. Isso tem resultado, a nosso ver, num viés metodológico resultando na alegação de que, somente com a iniciação escolar (05 a 07 anos), a criança passa a atentar para atributos de natureza formal compartilhados entre os elementos de uma categoria, distanciando-se, portanto, de categorias notadamente contextuais (*slot-fillers*). (ver Blewitt e Toppino, 1991; Nelson, 1988; Lucariello, Kyrtatzis e Nelson, 1992). Por não nos apegarmos somente às escolhas imediatas das crianças mas solicitarmos delas razões para os agrupamentos realizados na tarefa de categorização onde um item central disposto numa tríade, compartilhava uma relação contextual ou de similaridade com outros dois itens alinhados abaixo desse item central, acreditamos possuir evidência para supor que o alegado salto qualitativo de distanciamento de agrupamentos *slot-fillers* para a notada preferência por agrupamentos formais não ocorra de maneira tão pontual e reflita apenas uma preferência categorizacional das crianças mais velhas, não um estágio de desenvolvimento cognitivo peculiar a estas.

2 Considerações teóricas

Costuma-se, em psicologia cognitiva, para fins notadamente heurísticos que delineiam grandes linhas de pesquisa, pensar o conhecimento humano como estando organizado em duas grandes classes, ou categorias. O conhecimento complexo (onde armazenamos estruturas complexas de conceitos definidos como esquemas, roteiros e quadros) e o conhecimento simples que envolve nosso conhecimento taxionômico onde agrupamentos de itens se organizam com base no compartilhamento de atributos, formando classes superordenadas ou subordinadas. Nos deteremos, a seguir, nesta segunda categoria – o conhecimento simples, visto ser este nosso principal objeto de pesquisa, no presente trabalho.

Sabemos, por exemplo, que *dálmata*, *pastor alemão* e *são bernardo* são *cães* e não *gatos*. No entanto, membros da categoria *cão* e da categoria *gato* compartilham atributos característicos com outra grande classe de seres, a dos *mamíferos*, que inclui não somente *cães* e *gatos*, mas uma vasta quantidade de outros seres. Embora, na fase pré-escolar, as categorias formadas pelas crianças possam, de fato, estar mais fortemente apoiadas nos contextos vivenciados por estas (ver Lucariello et al., 1992) e não em relações formais de inclusão de classes tal qual a que acabamos de delinear, interessá-nos saber se tal preferência categorizacional se mostraria significativa, uma vez tomadas em consideração as justificativas dos sujeitos para suas escolhas categorizacionais. Afinal, qualquer estudo que se baseie somente na intuição dos pesquisadores para os agrupamentos realizados deixará de fora um dado crucial. Ou seja, o que a criança pensa ao tomar a decisão de optar por um par de itens e não por outro. Uma coisa é se resolver *a priori* se o agrupamento refletirá quer uma organização episódica, quer uma organização semântica do conhecimento. Outra bem diferente é colher da própria criança, a razão ou razões que a motivaram a escolher um dado par.

Acreditamos que nossa pesquisa, por dar às crianças a chance de justificar suas escolhas, contem menos viés e aprofunda mais nosso conhecimento sobre as preferências categorizacionais das mesmas.

Com base nas justificativas dos nossos sujeitos pré-escolares que participaram da tarefa de categorização, acreditamos possuir evidência para supor que, embora um salto qualitativo que demonstre que a criança em início de instrução escolar formal, se distancia de agrupamentos contextuais passando a dar preferência para aqueles onde os itens se combinam numa taxionomia pelo compartilhamento de atributos característicos de natureza semântica possa realmente ocorrer, este não é essencialmente discreto. O fato é que já antes da fase de escolarização formal, a criança significativamente justifica suas escolhas categorizacionais por pinçar atributos similares compartilhados entre os itens, conforme veremos na secção 4, onde delineamos a análise dos dados.

3 Procedimento

Trabalhamos, na tarefa de categorização, com 100 sujeitos na faixa etária de 03 a 07 anos (G1: 03-04 anos e G2: 05-07 anos), alunos de creches e escolas públicas e particulares de Fortaleza. As crianças, nesta tarefa, deveriam emparelhar itens pertencentes às

categorias: *animal, alimento, brinquedo e vestimenta*, geradas a partir de entrevistas gravadas sobre eventos do dia-a-dia de outros 100 sujeitos também na mesma faixa etária e pertencentes às redes pública e particular de ensino. Os itens e/ou rótulos de categorias mencionados por pelo menos 20% desse total de sujeitos foram incluídos nas categorias montadas para a tarefa de categorização. Antes de serem montadas as categorias, submetemos os itens levantados a uma tarefa de reconhecimento com a ajuda de mais outros 68 sujeitos pertencentes à mesma população. O objetivo foi testar a validade, clareza e aceitabilidade dos itens levantados. Itens não reconhecidos por menos de 80% desse grupo, foram descartados.

Após a tarefa de reconhecimento, foram montados 18 cartões de tríades de figuras traçadas dos vários objetos a serem agrupados, quer de forma delimitada por um contexto de experiência diária, quer pelo compartilhamento de atributos similares de natureza perceptual e/ou funcional existentes entre os pares de itens sugeridos a serem agrupados. Dois dos 18 cartões foram escolhidos de forma aleatória para servirem apenas ao treino feito antes da aplicação e, portanto, não foram computados para fins estatísticos.

A tarefa de categorização consistiu, em primeiro lugar, na apresentação das tríades de itens por se nomear cada item constantemente de cada tríade. Após a apresentação da tríade solicitávamos à criança que escolhesse, dentre os itens apresentados na tríade, o par que, na opinião dela, combinava mais. Em seguida, solicitávamos que nos dissesse o porquê de sua escolha. Desse modo não impusemos uma lógica pré-estabelecida para as categorizações das crianças. Toda a interação do pesquisador com a criança durante as tarefas de categorização foi gravada.

Com relação às tarefas de categorização tivemos a intenção de verificar a hipótese tradicional de que crianças na fase pré-escolar agrupam os objetos predominantemente por relações de contextualidade entre tais objetos ao passo que crianças mais velhas, expostas pela escola a critérios formais sobre atributos de similaridade semântica de natureza funcional e/ou perceptual compartilhados entre objetos, atentam mais, em seu comportamento categorizacional, para tais critérios. Além disso, tivemos a intenção de averiguar se, de fato, a preferência categorizacional de pré-escolares estriba-se significativamente em relações compartilhadas contextualmente pelos objetos.

4 Análise dos dados

4.1 Análise qualitativa das justificativas

Nesta secção apresentamos uma análise qualitativa das justificativas que apelam para atributos de similaridade compartilhados entre os itens. Para tanto listamos, abaixo, alguns trechos de seus discursos ao proverem razões para seus agrupamentos. A seguir, apresentamos uma análise estatística das médias de ocorrências de justificativas por contexto e por similaridade.

Foram elaboradas várias explicações de arranjos similares por inclusão e exclusão de classes. Vejamos alguns:

Porque você escolheu leão e jacaré e não leão e cachorro?

Resposta: Leão e jacaré. Porque o corpo deles é branco. O do cachorro é malhado.
(4 anos, menina, pública)

Por que você escolheu cavalo e zebra e não cavalo e galinha?

Resposta: Porque eles têm uma perna igual, mas só que a cor aqui não é não.
(4 anos, menino, pública)

Por que você escolheu carro e caminhão e não carro e bicicleta?

Resposta: Porque tem uma carroceria e eles têm porta.
(4 anos, menino, particular)

Por que você escolheu elefante e cachorro e não elefante e jacaré?

Resposta: Porque os dois têm rabo, orelhas e patas.
(7 anos, menina, particular)

Algumas crianças agruparam intuitivamente por similaridade (conforme previamente julgávamos ser o arranjo), mas, ao serem estimuladas a explicarem o agrupamento, fizeram referências a critérios de similaridade e a fatores contextuais na mesma resposta. Vejamos o seguinte exemplo:

Por que você escolheu girafa e gato e não girafa e cobra?

Resposta: Porque têm a mesma cor. Eu tenho um gato em casa. Eu gosto do meu gato.
(5 anos, menina, particular)

4.2 Análise estatística das justificativas

A segunda análise estatística fundamentou-se nas justificativas das crianças dadas às suas preferências por arranjos categóricos. Foram pontuadas como agrupamentos por contexto as justifi-

cativas que se remetiam a contextos e como agrupamentos por similaridade as justificativas que se referiam a atributos característicos. As análises estatísticas para agrupamentos contextuais, $r = 0,41$, n.s. $> 0,05$ e por similaridade, $r = 0,00$, n.s. $< 0,05$ indicaram não haver diferença significativa entre as médias dos agrupamentos contextuais (G1: $M = 6,66$; $dp = 4,05$. G2: $M = 6,05$; $dp = 4,09$), ocorrendo diferença significativa, entretanto, entre agrupamentos similares (G1: $M = 6,35$; $dp = 4,21$. G2: $M = 8,90$; $dp = 4,30$), como evidenciam os estudos tradicionais.

Por outro lado, os resultados obtidos a partir das justificativas que as crianças mais novas deram às suas escolhas mostraram-se reveladores no sentido de que, contrário à evidência de estudos anteriores (Lucariello e Nelson, 1985; Lucariello, Kyratzis e Nelson, 1992), a criança, mesmo na fase pré-escolar, categoriza a partir de critérios analíticos com base em atributos característicos de natureza perceptual e/ou funcional compartilhados entre os membros da categoria sendo, freqüentemente, capaz de verbalizar isso no discurso que produz. Estatisticamente isso é corroborado pelo fato de que a correlação entre as médias de respostas por similaridade e as médias de respostas por contexto no grupo de pré-escolares (G1) não atinge significância ($r = 0,06$, n.s. $> 0,05$).

5 Discussão dos resultados

As análises estatísticas aplicadas sobre as médias de ocorrência das justificativas embora evidenciando, num primeiro momento, que as crianças mais jovens, de fato, significativamente justificam suas escolhas categorizacionais por aludirem a um contexto, conforme afirmam os estudos tradicionais, também demonstraram alguns aspectos interessantes. Primeiramente os resultados da análise da correlação entre médias de ocorrência de respostas por contexto nos dois grupos etários (G1 e G2) revelou não haver diferença significativa entre os dois grupos. Isto sugere que mesmo na fase de início de escolarização a criança continua notoriamente aludindo a contextos vivenciados nas justificativas de suas escolhas categorizacionais. Por outro lado, as crianças mais jovens (G1), contrário ao que se tem suposto, já fazem uso freqüente de justificativas que apelam para atributos de similaridade semântica de natureza perceptual e/ou funcional entre itens, conforme indicado pelo fato de que a correlação entre as médias de ocorrência de respostas por contexto e as de respostas por similaridade não ser estatisticamente significativa.

Desse modo, não é viável pressupor que a estrutura categórica prototípica (aquela voltada para o compartilhamento de atributos característicos) prevaleça sobre a esquemática (aquela delimitada por contextos vivenciados), ou esta sobre aquela. Parece mais sensato admitir a coexistência dessas estruturas cognitivas na memória verbal tanto de crianças bem jovens como naquelas já em fase de escolarização. Conceber essa coexistência de estruturas não implica em falar em superposições, mas em justificar a prevalência simultânea destas como reflexo da autonomia da criança sobre a construção de suas formas de pensar o mundo, pela ação, e a determinação das formas de interpretações, possivelmente mais enfatizadas nas escolas e na sociedade, num processo dinâmico e totalizador de desenvolvimento cognitivo.

Referências bibliográficas

- BLEWITT, P.; TOPPINO, T. The development of taxonomic structure in lexical memory. *Journal of Experimental Child Psychology*, v. 51, p. 296-319, 1991.
- LUCARIELLO, J.; NELSON, K. Slot-filler categories as memory organizers for young children. *Developmental Psychology*, v. 21, p. 272-282, 1985.
- ; KYRATZIS, A.; NELSON, K. Taxonomic knowledge: what kind and when? *Child Development*, v. 63, p. 978-998, 1992.
- NELSON, K. Where do taxonomic categories come from? *Human Development*, v. 31, n. 1, p. 3-10, 1988.